

ESTAR, CIRCULAR E CURTIR: GÊNERO E SOCIABILIDADE EM UM PEQUENO ESPAÇO PÚBLICO DA ZONA SUL CARIOCA

QUEDARSE, MOVERSE Y DISFRUTAR: GÉNERO Y SOCIABILIDAD EN UN PEQUEÑO ESPACIO PÚBLICO EN LA ZONA SUR DE LA CIUDAD DE RIO DE JANEIRO.

TAYING, MOVING AROUND AND ENJOYING: GENDER AND SOCIABILITY IN A SMALL PUBLIC SPACE IN THE SOUTHERN ZONE OF RIO DE JANEIRO CITY

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar como as diferenças de gênero se constroem nos espaços dedicados à sociabilidade pública noturna. A Praça São Salvador, localizada na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, foi selecionada como recorte analítico em virtude de sua efervescente vida noturna e da ocorrência de eventos que levantaram discussões sobre gênero. Este artigo é o produto de uma pesquisa de três anos realizada durante a graduação em Geografia. Como resultado, identificou-se a existência de diferentes padrões de permanências e de deslocamento que conformam o encontro social de homens e mulheres no espaço público. Por fim, reconheceu-se a potencialidade das situações de sociabilidade pública como recortes para analisar a construção dos papéis sociais de gênero nas práticas cotidianas.

PALAVRAS-CHAVE: gênero, espaço público, sociabilidade.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo analizar cómo se construyen las diferencias de género en las formas espaciales de la sociabilidad pública a la noche. La Plaza de São Salvador, ubicada en la zona sur de la ciudad de Rio de Janeiro, fue seleccionada como estudio de caso en vista de su vida nocturna efervescente y la ocurrencia de eventos que suscitaron discusiones sobre cuestiones de género. Este artículo es el producto de una investigación de tres años realizada durante el curso de pregrado en Geografía. Como resultado, identificamos la existencia de diferentes patrones de permanencia y desplazamiento que constituyen el encuentro social de hombres y mujeres en el espacio público. Finalmente, se reconoció la potencialidad de las situaciones de sociabilidad pública como marco espacio-temporal para comprender la construcción de roles sociales de género en las prácticas cotidianas.

PALABRAS-CLAVE: género, espacio público, sociabilidad.

**IGOR RIBEIRO DA SILVA
CAMPOS**

*Universidade Federal do Rio
de Janeiro (UFRJ)*

igor.r.campos@hotmail.com

Artigo recebido em:

18/02/2020

Artigo publicado em:

08/07/2020

ABSTRACT

This work aims to analyze how gender differences are built in the spatial forms of public sociability at night. São Salvador Square, located in the southern zone of the city of Rio de Janeiro, was selected as the case study in view of its effervescent nightlife and the occurrence of events that raised discussions on gender issues. This article is the product of a three-year research conducted during the undergraduate course in Geography. As a result, we identified the existence of different patterns of permanence and displacement that constitutes the social encounter of men and women in the public space. Finally, it was recognized the potentiality of situations of public sociability as space-time frames to understand the construction of gender social roles in daily practices.

KEYWORDS: gender, public space, sociability.

INTRODUÇÃO

Este artigo é um convite para pensarmos as relações entre gênero e espaço público. Segurança, assédio, exercício da cidadania, construção de identidades, conquista de direitos, atividades cotidianas... Estes são alguns temas privilegiados nos estudos sobre gênero e espaço público. Originalmente, McDowell (1999) e Duncan (1996) ressaltaram como as diferenças entre espaço público e espaço privado poderiam ser analisadas a partir da divisão entre masculino e feminino. Em linhas gerais, enquanto ao homem caberia o espaço público, a mulher estaria vinculada ao espaço privado. Estas ideias inspiraram muitos autores a examinar como essa classificação foi construída ao longo da história (MCDOWELL, 1999; MACKENZIE & ROSE, 1983). Por outro lado, essa mesma perspectiva foi criti-

cada por outros pesquisadores que consideram a dicotomia, público-homem e privado-mulher, muito equivocada (WILSON, 2001; DOWLING, 1998; ROSE, 1999).

Apesar das críticas, esta dicotomia, como indicam Bondi e Rose (2003), permeia diversos trabalhos produzidos na geografia. No que diz respeito às pesquisas sobre gênero e espaço público, estas autoras defendem que há dois grandes campos de investigação: o primeiro tem como objetos de pesquisa o medo e a segurança feminina nos espaços públicos; e o segundo reflete sobre a produção de espaços públicos por mulheres, com a criação de novas identidades, a contestação de normas e a desestabilização de poderes hegemônicos.

Sobre o primeiro campo, há uma vasta literatura a respeito das maneiras pelas quais



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2020
ISSN 2175-3709

as mulheres experimentam o medo, a ansiedade, o assédio e ataques físicos em espaços públicos (MERRY, 1981; SMITH, 1987; GORDON & RIGER, 1989; VALENTINE, 1989). Em relação ao segundo campo, o espaço público é concebido como uma arena de disputas e de negociações para a construção de identidades sociais e para o exercício da cidadania. Estas pesquisas estão interessadas em examinar como esses espaços foram concebidos com a intenção de reproduzir ordens morais e regras de conduta que naturalizam as diferenças de gênero (DRIVER, 1988; MACKENZIE, 1988; MALONE, 2002; SCHENKER, 1996). Isto não quer dizer, porém, que estes espaços não sejam locais de transgressão das normas (DOMOSH & SEAGER, 2001). Elizabeth Wilson (2001), a esse respeito, alega que o espaço público urbano, apesar de reprodutor de certas ordens dominantes, tem um papel emancipatório fundamental para as mulheres.

O presente artigo pretende acrescentar a essas abordagens outra perspectiva: a da interação social, mais especificamente, a da sociabilidade. Alguns trabalhos (PRATS & GARCIA RAMON, 1996; GARCIA RAMON, ORTZ & PRATS, 2004; DIAZ-CORTEZ & GARCIA RAMON, 2010; ABBAS & HEUR, 2014) já se dedicaram a fazer descrições das atividades de mulheres em logradouros públicos. O que nos diferencia destas pesquisas, contudo, é o fato da nossa atenção estar

voltada para uma forma específica de encontro e de interação social nos espaços públicos: a sociabilidade. É através da descrição da sociabilidade que pretendemos pesquisar a relação entre gênero e espaço público.

A sociabilidade diz respeito ao universo de rituais de encontro e de convivência. Simmel (2006) apresenta o conceito de sociabilidade como um tipo específico de relação social. Para ele, os indivíduos, ao interagirem uns com os outros, não precisariam fazê-lo com algum objetivo ou finalidade para além da própria interação. Um encontro de pessoas pode se dar pela simples vontade e prazer de interagir e socializar. Isto quer dizer que a sociabilidade “não tem qualquer finalidade objetiva, qualquer conteúdo ou qualquer resultado que estivesse, por assim dizer, fora do instante sociável” (SIMMEL, 2006, p. 66).

Simmel (2006) argumenta que a sociabilidade é uma maneira de associação entre indivíduos cujo objetivo maior é o prazer da vida coletiva, é o de estar em situação de copresença sem uma finalidade externa à interação. Esta forma de encontro social pode ocorrer dentro de uma grande variedade de lugares: cafés, restaurantes, clubes, saguões, praças etc. Dentro dessa diversidade de locais, interessa-nos aqui a sociabilidade que ocorre em espaços públicos. Nosso trabalho almeja, pois, descrever as diferenças de gênero nos arranjos espaciais da sociabilidade pública.

DEFININDO ESPAÇO PÚBLICO, NOITE E GÊNERO

Julgamos saber o que é um espaço público. Uma praça, um largo, uma calçada, a orla de uma praia. Todos esses lugares são, de fato, espaços públicos. Não devemos cair, porém, no comum equívoco de afirmar que um espaço público é todo e qualquer espaço em que o acesso é franqueado a todos. Na tentativa de compreender o que são e como funcionam esses espaços, Gomes (2012) propõe a existência de três atributos fundadores dos logradouros públicos. Na qualidade de dimensão espacial da política nas sociedades democráticas, os espaços públicos são os lugares em que a vida comum dos seres humanos é organizada considerando as diferenças individuais e os conflitos que emergem do convívio entre diferentes. Com isso, uma característica fundamental do espaço público é a copresença de pessoas. É este atributo que faz o espaço público ser um lugar de encontro e de convívio entre diferentes.

Esta coabitação entre pessoas institui diálogos e permite com que divergências tomem forma pública. Dessa maneira, problemas são reconhecidos publicamente e procuram-se soluções para eles. A publicidade dos conflitos que ocorrem nos espaços públicos evidencia, por sua vez, outro atributo desses espaços: a visibilidade, os atos de ver e ser visto. Os espaços públicos são, portanto, lugares de exposição onde aquele que observa também é observado.

O terceiro e último atributo

do espaço público é o de locus da lei democrática. Nesses logradouros, os indivíduos devem ser imparciais às diferenças, submetendo-se a um código de regras que garanta o respeito mútuo. Não se trata da eliminação da identidade do sujeito. Pelo contrário, refere-se a comportamentos e maneiras de ser no espaço que possibilitam a convivência entre os diferentes sem a renúncia das individualidades. Em suma, acreditamos que estes três atributos particularizam as interações sociais que ocorrem nos espaços públicos. São esses lugares que tornam possível uma sociabilidade de tipo pública.

Salientamos também a relação entre a sociabilidade pública e a noite. A noite é um tempo social específico, caracterizado como um momento privilegiado para as práticas de lazer e de sociabilidade (PRONOVOST, 2011). Para Gois (2015), a sociabilidade é um dos elementos centrais na dinâmica de muitos espaços noturnos e as práticas da sociabilidade pública ganham, no período noturno, notável visibilidade.

Falta-nos ainda delimitar melhor a categoria de gênero. Dentre as inúmeras perspectivas de trabalho possíveis (SILVA, 2007), McDowell (1999) pareceu-nos mais apropriada para esse trabalho. Para ela, o conceito de gênero deve ser entendido em oposição ao de sexo. Esse último se fundamenta em diferenças biológicas, enquanto o gênero descreve características socialmente construídas para homens ou para mulheres. Gênero não é, assim, meramen-



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2020
ISSN 2175-3709

1. Do original: "What gender is, what men and women are, what sorts of relations do or should obtain between them - all of these notions do not simply reflect or elaborate upon biological 'givens', but are largely products of social and cultural processes".
2. KAPA, Raphael. Ativistas fazem beijaço na Praça São Salvador. O Globo, Rio de Janeiro, 27 de mar de 2016. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/ativistas-gays-fazem-beijaco-na-praca-sao-salvador-15722514> Acessado em: 08 de Agosto de 2017. TORRES, Livia. Arquiteta diz ter sido agredida por homem na Praça São Salvador. G1.com, Rio de Janeiro, 09 de abril de 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/04/arquiteta-diz-ter-sido-agredida-por-homem-na-praca-sao-salvador-rio.html>. Acessado em: 10 de Agosto de 2017. REDAÇÃO. 5 cineclubes para curtir nessa semana. Catraca Livre, Rio de Janeiro, 22 de fevereiro de 2016. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/rio/agenda/barato/5-cineclubes-para-curtir-na-semana/>. Acessado em: 10 de Agosto de 2017.

CONTINUA...

Igor Ribeiro da Silva Campos

te um resultado biológico; ele é um produto cultural e social de uma determinada sociedade. Em linhas gerais, gênero é uma forma de organizar socialmente a diferença sexual:

O que o gênero é, o que são homens e mulheres, que tipo de relações são feitas ou devem ser obtidas entre eles - todas essas noções não se limitam a refletir ou a resultar de dados biológicos, mas são em grande parte produtos de processos sociais e culturais (MCDOWELL, 1999, p.15). Tradução livre feita pelo autor¹

O gênero, em sua divisão entre masculino e feminino, pode ser concebido como algo situado no tempo e no espaço. Isto significa que, dentro de um contexto espaço-temporal, determinadas apresentações podem ser reconhecidas como parte de um universo masculino ou de um universo feminino. Dessa forma, as características associadas aos gêneros se diferenciam não somente entre países e considerando grandes períodos de tempo, mas também entre lugares da vida cotidiana, entre ambientes de interação social. Partindo dessa constatação, o conceito de gênero teria um grande interesse para a ciência geográfica.

Com isso em mente, acreditamos que o gênero possa ser um dos elementos que ordene as formas espaciais de interação social em espaços públicos. A premissa a partir da qual este trabalho se fundamenta é, pois, a existência de espacialidades diferenciadas de homens e de mulheres em situações de sociabilidade em espaços públicos.

DEFININDO A SITUAÇÃO

Alguns trabalhos têm investigado como a sociabilidade noturna é construída em espaços públicos na cidade do Rio de Janeiro (GOIS, 2015; SOUZA, 2014). Um dos exemplos mais emblemáticos de um logradouro com esse tipo de sociabilidade é o bairro da Lapa. Além dele, há diversos outros que são relevantes para a vida noturna da cidade. A Praça São Salvador, situada no bairro de Laranjeiras, zona sul do Rio de Janeiro, é um desses espaços públicos que dão vida à noite carioca.

Desde meados de 2012, essa praça vem se tornando um lugar importante para a sociabilidade noturna na cidade. Nossa atenção, porém, voltou-se para ela devido a alguns eventos que aí aconteceram e que tiveram forte repercussão na mídia e nas redes sociais²: o beijaço gay, episódios de violência contra mulheres, o *isoporzinho das sapatão*³ e cineclubes sobre estereótipos de gênero. Todos esses eventos extraordinários destacam o debate público de questões relacionadas ao gênero e tinham como objetivo contestar certas convenções sociais sobre as características de gênero. Dentro desse quadro, estes eventos da praça São Salvador reforçam um tipo de pesquisa frequentemente elaborada por estudiosos de gênero que analisam como logradouros públicos são lugares de contestação de normas de poderes hegemônicos.

Contudo, nosso interesse de pesquisa não está voltado para os grandes eventos contesta-

tórios que ocorreram na praça São Salvador. Ao contrário, interessa-nos conhecer as diferenças de gênero nas ordinárias noites de sociabilidade desse espaço público. Em *City: re-discovering the center*, Whyte (1988) parte de um interesse preliminar de estudar o centro da cidade de Nova York. Seu objetivo era compreender como as pessoas usavam os espaços públicos e por que alguns desses espaços eram mais bem-sucedidos do que outros⁴.

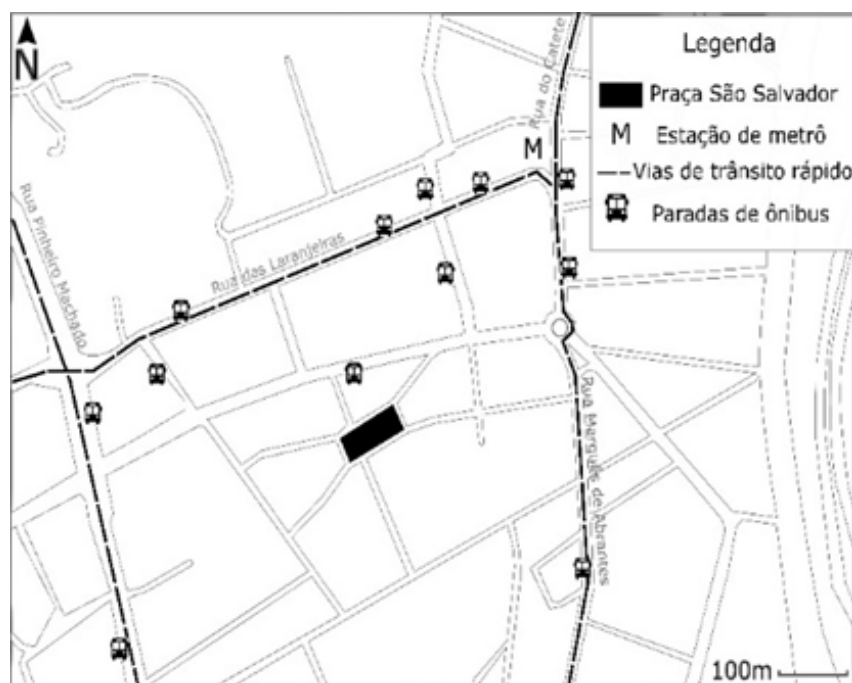
O autor faz uma descrição sobre as trocas e as formas de interação entre pessoas em situações cotidianas. Para ele, a efervescente vida social de algumas calçadas, esquinas e praças de Nova York contradiz a ideia de que os centros das

grandes cidades estão em processo de declínio e abandono. A partir do trabalho de Whyte, o cotidiano de pequenos espaços públicos urbanos se mostrou um importante objeto de estudo a partir do qual seria possível rever algumas comuns considerações sobre a vida urbana.

Inspirados nas contribuições Whyte sobre como pequenos espaços urbanos conseguem condensar diferentes aspectos da vida social, indagamo-nos sobre como são construídas as diferenças de gênero nas formas espaciais da sociabilidade pública da São Salvador. Acreditamos que a vida social cotidiana desse pequeno espaço público pode nos ajudar a refletir sobre a construção de papéis de gênero.

3. *O Isoporzinho das sapatão foi um conjunto de eventos criado para trazer visibilidade à homossexualidade feminina. Em geral, estas comemorações consistem no encontro de mulheres não heterossexuais em espaços públicos para socialização.*
4. *Como espaços públicos bem sucedidos, Whyte (1988) define aqueles espaços que recebem um grande número e uma grande diversidade de frequentadores. O autor aponta, ainda, alguns elementos que são essenciais de para que um espaço público seja bem sucedido: a localização, a luminosidade, a estética, o tamanho, lugares para se sentar, a conexão com a rua etc.*
5. *Todas as figuras neste artigo foram elaboradas pelo autor com o software Inkscape®.*

FIGURA 1 - Localização da Praça⁵



A praça São Salvador está localizada em um bairro na zona sul da cidade do Rio de Janeiro e está a menos de quinhentos metros de uma estação

de metrô, de pontos de parada de ônibus e de vias de grande circulação da cidade (Figura 1). Além da proximidade com pontos de transporte público, a

praça possui um entorno predominantemente residencial. Essas características lhe conferem um perfil de uma praça pouco movimentada durante o dia; porém, durante a noite, há uma intensa concentração de pessoas.

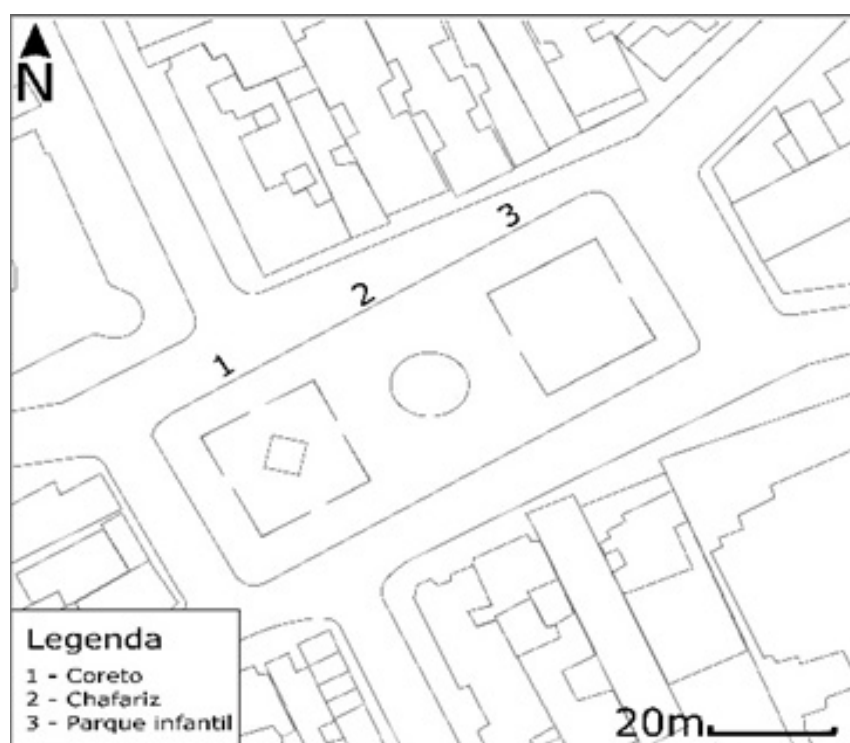
Para o levantamento das características dos frequentadores da Praça, foram aplicados questionários com a finalidade de investigar a procedência e o bairro de moradia dos frequentadores da Praça São Salvador à noite. Ao total, foram 542 questionários aplicados em duas quintas-feiras e em duas sextas-feiras, das 18h à 01h da manhã. Com o resultado, delineamos a área influência da praça com base no bairro de residência dos frequentadores.

Em termos quantitativos, 80% dos frequentadores da São Salvador moram em bairros de

até 6km de distância da praça (como Catete, Laranjeiras e Flamengo); em contraposição, somente 20% das pessoas são de bairros mais distantes (Barra da Tijuca, Campo Grande e Santa Cruz). A partir dessas informações, a sociabilidade noturna construída na São Salvador tem como frequentadores, em geral, pessoas do entorno próximo.

Os principais materiais que compõem a morfologia e os revestimentos da praça são: terra, tijolo maciço, granito, cimento e areia. O granito predomina no chafariz; a areia, no parque infantil; e os tijolos maciços, no coreto. Por essa razão, no desenvolvimento dessa pesquisa, dividiu-se a praça em três grandes unidades morfológicas: O Chafariz, o Parque Infantil e o Coreto (Figura 2).

FIGURA 2 - Unidades morfológicas da praça



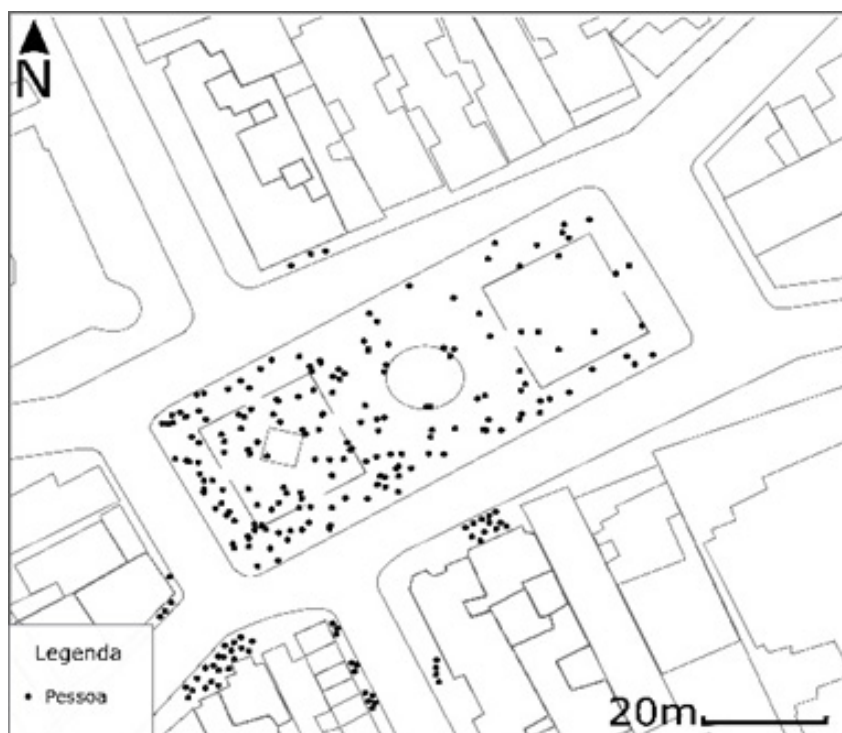
Haja vista esta apresentação geral da Praça, atentemos para os encontros sociais que ocorrem desse logradouro. Para Goffman (2010), a situação de interação diz respeito ao ambiente interacional que enquadra o fenômeno da sociabilidade. A situação de interação corresponde à unidade espaço-temporal que configura a sociabilidade e dá sentido à interação em termos comportamentais. Nas palavras do autor:

Ela é um acontecimento, uma realização ou evento social mais amplo, limitado no tempo e no espaço [...] fornece o contexto social estruturante [...] e um padrão de conduta que tende a ser reconhecido como padrão apropriado e oficial (GOF-

FMAN, 2010, p. 28).

O autor defende que a *situação de interação* é o ambiente espacial completo encontrado por uma pessoa que se torna um membro da *ocasião* (GOFFMAN, 2010). Para ele, a situação de interação não se restringe ao espaço físico. Ela inclui pessoas e lugares que participam de um mesmo contexto interacional. No caso estudado, a situação inclui as ocupações dos frequentadores da Praça São Salvador, mesmo que algumas ocupações não estejam circunscritas aos limites físicos da praça (Figura 3).

FIGURA 3 - Situação da Praça



Isto quer dizer que a sociabilidade noturna da Praça São Salvador não se restringe ao limite físico do logradouro, mas compreende parte das calçadas no entorno da praça que são mobilizadas pelas pessoas em situação de interação num de-

terminado tempo. Deve-se ter esse mesmo cuidado também ao pensar o recorte temporal. A noite não deve ser considerada como sinônimo do ritmo circadiano: do pôr ao nascer do sol. A noite corresponde ao tempo social, ao tempo da interação e

GEOGRAFARES

Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2020
ISSN 2175-3709

do encontro de pessoas. Como período noturno, estamos compreendendo o lapso temporal em que o espaço público deixa de ser um local predominantemente de passagem e se torna um ambiente onde o encontro e a socialização são os norteadores da dinâmica do lugar⁶ (GÓIS, 2015).

Para identificar o tempo social da noite na Praça São Salvador, o procedimento empregado foi a contagem de pessoas através da observação direta. A divisão da praça em três unidades morfológicas – o Parque Infantil, o Coreto e o Chafariz – ajudou-nos a organizar o processo de contagem. Às 18 horas, começávamos contando quantos indivíduos estavam no parque infantil, sempre distinguindo homens e mulheres. Depois de finalizada a contagem no parque infantil, movíamos-nos para o chafariz e contabilizávamos quantos homens e quantas mulheres estavam naquela unidade morfológica. Na próxima etapa, contávamos no coreto e, por fim, nas calçadas do entorno da praça. Às 19 horas, retornávamos ao parque infantil para fazer a contagem repetindo o mesmo processo. A contagem de pessoas era feita em intervalos de uma hora ao longo da noite, de acordo com as unidades morfológicas da praça. Dessa forma, era possível somar os dados encontrados para cada unidade morfológica e estimar quantas pessoas estavam, no total, presentes na situação de sociabilidade da Praça São Salvador em intervalos de uma hora

Esses levantamentos foram

realizados em diferentes dias da semana entre os meses de junho e dezembro de 2015 e de abril e setembro de 2016. Como principal resultado, identificamos que a noite da Praça São Salvador começa em torno de 19 horas e termina por volta de 2 horas. Além disso, encontramos diferença entre finais de semana e dias úteis.

Definidos o tempo e o espaço de interação, é importante entender as unidades de observação dessa pesquisa. As pessoas constituem a unidade de observação básica, a partir da qual foram estabelecidas algumas variáveis. A primeira variável é o gênero, que consistiu em classificar a pessoa como homem ou mulher. Defendemos a posição de que o gênero é uma apresentação pública (GOFFMAN, 1975). Quando chegamos à presença imediata de uma pessoa, buscamos informações gerais sobre aquele indivíduo. Dentre essas informações, um dos aspectos mais primários que identificamos em uma pessoa é reconhecer se ela é um homem ou uma mulher. Esta identificação do gênero é mediada por um conjunto de códigos que, dentro de um dado contexto interacional, permite-nos identificar uma pessoa. Isto quer dizer que uma pessoa faz uso de diferentes elementos expressivos – vestimentas, gestos, acessórios, cortes de cabelo, maquiagem, condutas etc. – para que seja socialmente reconhecida como homem ou como mulher.

Como se trata de uma apresentação pública, o gênero dos frequentadores da praça foi

6. *Gois (2016), em um trabalho sobre paisagens luminosas e cenários noturnos da cidade do Rio de Janeiro, apresenta como a iluminação pública teve papel fundamental de incentivar a ocupação de espaços públicos à noite. Se antes estes espaços eram evitados em virtude da escuridão e dos supostos perigos que ela oferecia, a iluminação pública abriu um novo horizonte de permanência. Os espaços noturnos, marcados até então pela travessia apressada de transeuntes, poderiam ser ocupados para o lazer ou outras atividades.*

identificado por nós pesquisadores. Durante os trabalhos de campo, estávamos imersos na mesma situação de sociabilidade que os demais frequentadores, compartilhando do mesmo conjunto de códigos e regras que regiam a sociabilidade da praça. Inseridos nessa situação social, possuíamos os mesmos princípios de inteligibilidade que permitiam, como a qualquer outro frequentador, identificar as características de gênero e classificar uma pessoa como homem ou mulher. É importante deixar claro que a nossa observação nunca almejou ter certeza do gênero das pessoas que estavam na praça São Salvador. No entanto, fazia-se necessário efetuar uma classificação preliminar. Para isso, foi utilizado o mesmo conjunto de códigos, que estavam disponíveis a qualquer outro frequentador, para identificar se a apresentação pública de uma pessoa era masculina ou feminina.

A segunda variável são os comportamentos. Para descrevê-los, partimos da ideia de que a existência do indivíduo pode ser descrita como uma trajetória, um caminho constituído por paradas e deslocamentos através do tempo e do espaço (PRED, 1977). Por isso, atentamo-nos para as permanências e os deslocamentos das pessoas no espaço público. Em relação às permanências, estávamos preocupados em localizar as pessoas dentro da situação de interação da praça, diferenciando homens e mulheres. Para os deslocamentos, nosso olhar estava voltado para a orientação

dos trajetos realizados pelas pessoas. Além da direção, descrevíamos os deslocamentos segundo o gênero e a quantidade: trajetos individuais masculinos ou femininos, trajetos em grupos mistos e trajeto em grupos de mulheres ou de homens. A terceira e última variável foram os tipos de interação, a saber: interação focada ou interação desfocada. Para a coleta de dados de todas estas variáveis, os procedimentos utilizados foram observação direta, desenhos de croquis, anotações em cadernetas de campo e registros fotográficos. Para o exame da permanência foram realizados aproximadamente 60 trabalhos de campo entre junho e dezembro de 2015. Permanecíamos de 5 a 7 horas observando o comportamento das pessoas. Esta observação não-participativa foi usada como um método chave para o levantamento de dados. Buscávamos documentar tais dados, localizando as pessoas e diferenciando-as entre homem e mulher. Para isso, com um croqui de cada unidade morfológica, pontuávamos a localização de cada pessoa que estava na praça. Às 18 horas, começávamos a nossa observação no parque infantil e, com um croqui dessa unidade da praça, localizávamos todas as pessoas que lá permaneciam no momento da observação e identificávamos o seu gênero. Depois de finalizada a plotagem dos pontos no parque infantil, seguíamos para o chafariz e, com um croqui dessa unidade, localizávamos homens e mulheres. Em seguida, o mesmo era feito para o coreto e, por



Revista do Programa de
Pós-Graduação em Geografia e
do Departamento de Geografia
da UFES

Janeiro-Junho, 2020
ISSN 2175-3709

fim, nas áreas ao redor da praça. Às 19h, retornávamos ao parque infantil para localizar as pessoas seguindo o mesmo processo para todas as unidades da praça. Isso era repetido a cada hora ao longo da noite.

Para o exame da permanência foram realizados aproximadamente 60 trabalhos de campo entre junho e dezembro de 2015. Permanecíamos de 5 a 7 horas observando o comportamento das pessoas. Esta observação não-participativa foi usada como um método chave para o levantamento de dados. Buscávamos documentar tais dados, localizando as pessoas e diferenciando-as entre homem e mulher. Para isso, com um croqui de cada unidade morfológica, pontuávamos a localização de cada pessoa que estava na praça. Às 18 horas, começávamos a nossa observação no parque infantil e, com um croqui dessa unidade da praça, localizávamos todas as pessoas que lá permaneciam no momento da observação e identificávamos o seu gênero. Depois de finalizada a plotagem dos pontos no parque infantil, seguíamos para o chafariz e, com um croqui dessa unidade, localizávamos homens e mulheres. Em seguida, o mesmo era feito para o coreto e, por fim, nas áreas ao redor da praça. Às 19h, retornávamos ao parque infantil para localizar as pessoas seguindo o mesmo processo para todas as unidades da praça. Isso era repetido a cada hora ao longo da noite.

Sabe-se que este método não fornece um retrato fiel da ocupação da praça em um momen-

to exato. Digamos que a plotagem da localização das pessoas tenha começado às 18 horas no parque infantil, nós só conseguiríamos plotar as pessoas que estavam no coreto às 18 horas e 30 minutos. Nos horários seguintes, tínhamos a mesma limitação. O que se tem, portanto, é um levantamento realizado no curso de uma hora, e não um levantamento que descreve a localização de todas as pessoas em um único momento. Outra limitação encontrada foi a possibilidade de registrar duas vezes uma mesma pessoa. Imaginemos novamente que a plotagem da localização dos frequentadores começasse no parque infantil às 18h, nós registraríamos todas as pessoas que estivessem nessa unidade morfológica e, em seguida, seguiríamos para a próxima unidade. No entanto, nada impede de uma pessoa que estava no parque infantil tenha se deslocado para, por exemplo, o coreto. Ao chegarmos no coreto para fazer a contagem, aquela pessoa que antes estava no parque infantil seria contabilizada novamente. Como não dispúnhamos de meios para seguir todas as pessoas em todos os momentos, fazia-se um retrato da disposição das pessoas na praça no momento da observação. Para a investigação sobre a quantidade de frequentadores, também foram feitos levantamentos de hora em hora ao longo da noite, contabilizando quantos homens e mulheres estavam presentes na praça.

Como deslocamento, entendemos os trajetos feitos pelos frequentadores. Para investi-

garmos essa variável, foram realizados mais de 40 trabalhos de campo entre abril e setembro de 2016. A principal ferramenta metodológica empregada foi a observação direta. O tempo médio de permanência na praça ao realizar os trabalhos de campo foi de 5 a 7 horas. Via de regra, escolhia-se um ponto fixo na praça para efetivar a observação e, em casos de deslocamentos mais longos, seguíamos as pessoas. Todo este levantamento foi baseado em fichas de observação. Nessas fichas, descrevíamos de onde a pessoa saía e para onde ela iria, se estava realizando esse deslocamento sozinha ou em grupo e se era homem ou mulher. Através da observação, tentava-se identificar o objetivo do deslocamento: se a pessoa se movia para encontrar alguém, para comprar algum produto etc.

Como última unidade de observação, temos o tipo de interação. Erving Goffman (2010) propõe a existência de duas grandes formas de interação: focada e desfocada. No geral, estas formas de interação dizem respeito ao tipo de comportamento comunicativo que existe entre aqueles que estão copresentes. A interação desfocada trata dos aspectos expressivos do comportamento gerados pela mera co-habitação em um lugar. Quando os indivíduos entram na presença imediata uns dos outros, mesmo que não haja nenhuma comunicação oral, há uma espécie de trânsito comunicativo guiado pela aparência ou por alguns atos das pessoas: mo-

vimentação, posição, postura, gestos físicos etc. O segundo tipo de interação, a interação focada, “ocorre quando pessoas se juntam e cooperam abertamente para manter um único foco de atenção, tipicamente revezando a fala” (GOFFMAN, 2010, p. 34-35).

Ao analisar as diferenças de gênero nos padrões espaciais de sociabilidade, essa tipificação se mostrou muito útil. A observação foi guiada pela identificação dos ajuntamentos⁷ de interação focada. É importante reconhecer que estes grupos de interação focada não são entidades isoladas ou estanques. Pelo contrário, todos esses ajuntamentos estavam conectados uns aos outros pela interação desfocada ao dividirem a mesma situação de sociabilidade. Ao final, esta maneira de compreender a dinâmica interacional como uma relação – composta tanto por uma forma de comunicação direta quanto por outra indireta – permitiu identificar que os comportamentos masculinos e femininos não estavam isolados uns dos outros, mas se relacionavam.

Apresentadas as variáveis, é necessário refletirmos um pouco sobre como foi realizado o processo de descrição. Para isso, é importante ter clareza sobre aquilo que estamos chamando de descrição. Partimos da classificação proposta por Alpers (1983) sobre a descrição como um modelo de investigação visual. Para a autora, a preocupação central da descrição está na pró-

7. Goffman (2010) usa a palavra *ajuntamento* para se referir a qualquer conjunto de dois ou mais indivíduos reunidos, cujos membros incluem todos aqueles que estão na presença imediata uns dos outros, em um núcleo de interação focada.



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2020
ISSN 2175-3709

pria construção da imagem: produzir uma imagem que nos faça pensar e questionar as condições que orientam a observação.

Descrever é realizar um exercício contínuo de reflexão sobre os elementos que condicionam aquilo que se vê. Para Alpers (1983), este “olhar atento” é uma importante ferramenta para a produção de conhecimento. Fortemente inspirado nessas ideias, Gomes (2013) propõe que alguns desses elementos que condicionam o olhar são eminentemente espaciais. Basta pensarmos que, para observar algo, essa observação sempre será feita a partir de um lugar, de um ponto de vista.

Gomes (2017) afirma que, não só o olhar, mas também as próprias imagens produzidas pela descrição são instrumentos importantes na produção de conhecimento. Portanto, Gomes (2017) concebe que as imagens não são simples ilustrações ou objetos secundários, mas ferramentas portadoras de sentidos próprios que nos estimulam a refletir.

Logo, a descrição das variáveis mencionadas acima exigiu uma constante reflexão sobre as condições de observação e requereu a produção de registros gráficos (fotos, croquis, desenhos e filmagens). Em linhas gerais, o uso de todos estes registros associados à observação sistemática constituíram as ferramentas dessa pesquisa. As imagens permitiram pensar sobre

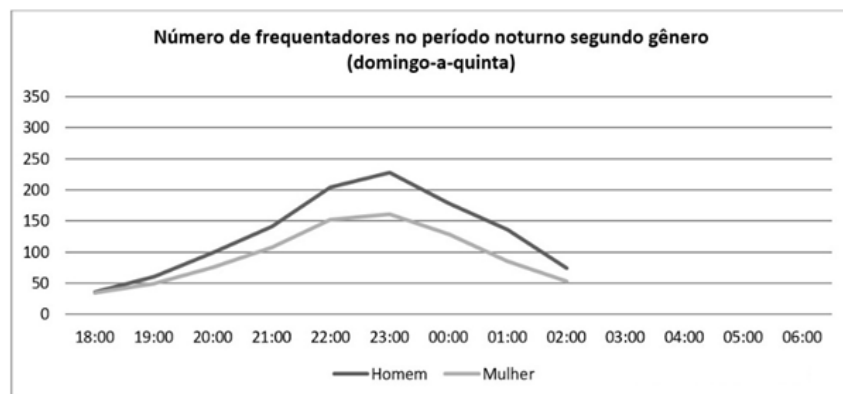
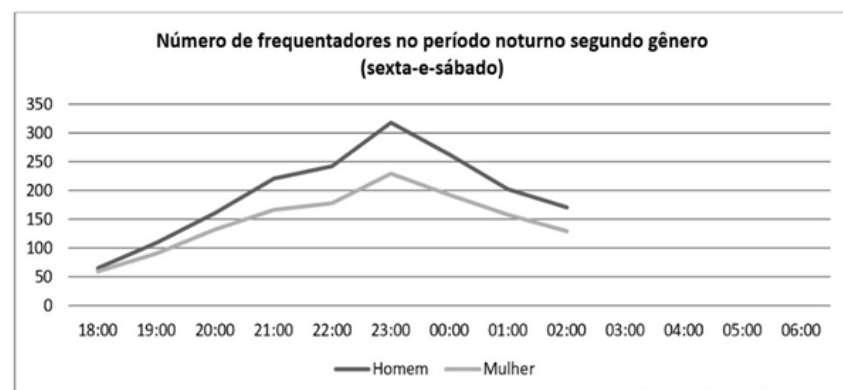
as diferenças de gênero na sociabilidade pública da praça São Salvador e, finalmente, realizar uma descrição.

FORMAS DE ESTAR E DE SE MOVIMENTAR

Em uma situação de sociabilidade, é possível identificar uma série de comportamentos que compõem esta dinâmica interacional: andar; ficar parado; pequenos gestos como movimentos de braços, pernas, da cabeça, piscadelas; usar o mobiliário urbano existente para se sentar, se deitar, se apoiar etc. Dentro dessa vasta possibilidade de comportamentos em situações de sociabilidade, interessa-nos as permanências e os deslocamentos.

Parados na praça: ver e curtir

Os dados abaixo são resultados da contagem do número de pessoas na praça em diferentes dias e horários (Figuras 4 e 5). Cada valor corresponde a uma média da quantidade de homens e/ou de mulheres para um determinado momento da noite. Devemos salientar o fato de que tais valores podem variar dependendo do dia da semana e de acordo com eventos que acontecem na praça. Optou-se por dividir os dias da semana em dois grupos: domingo-a-quinta e sexta-e-sábado. Esta classificação foi definida considerando o volume de frequentadores da praça: de domingo a quinta-feira, a quantidade de pessoas na praça não é tão expressiva quando comparada às sextas-feiras e aos sábados

FIGURA 4 - São Salvador: número de frequentadores no período noturno segundo gênero**FIGURA 5 - São Salvador: número de frequentadores no período noturno segundo gênero**

Ao examinar as informações contidas nos gráficos, logo percebemos que o padrão entre domingo-a-quinta e sexta-e-sábado é mais ou menos o mesmo. A diferença está no acréscimo de cerca de 30% na quantidade de pessoas que frequentam a praça nas sextas-feiras e sábados à noite. Apesar da proporção de crescimento e de decréscimo de homens e mulheres ser relativamente constante, atente-mo-nos para a disparidade entre a quantidade de homens e mulheres ao longo da noite. Nos horários iniciais (18 horas e 19 horas) a quantidade de homens e mulheres é praticamente a mesma. Ao longo da noite, essa paridade se desfaz. Em horários

como 21 horas, 22 horas e 23 horas, os homens chegam a somar 60% do total de pessoas na praça. Estamos chamando atenção, portanto, para a diferença rítmica na presença de pessoas segundo o gênero.

Com base nas observações realizadas em campo, pôde-se perceber um interessante padrão comportamental: praticamente não há mulheres desacompanhadas na praça ao longo da noite. Ao passo que, entre homens, esse comportamento é o mais comum. Não estamos dizendo que mulheres não cheguem sozinhas à praça; elas chegam. A diferença, contudo, está no fato delas não permanecerem sozinhas

GEOGRAFARES

Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2020
ISSN 2175-3709

ao longo da noite. Em geral, encontram grupos de amigos ou conhecidos. Em oposição, certos homens vão à praça e permanecem a noite inteira sozinhos. Estes homens não entram para um grupo específico

e ficam sós, apartados, observando o movimento das pessoas. Estamos nos referindo a dois elementos fundamentais na apresentação pública: mulheres sempre acompanhadas e alguns homens solitários.

FIGURA 6 - Densidade de mulheres em um dia típico às 23h

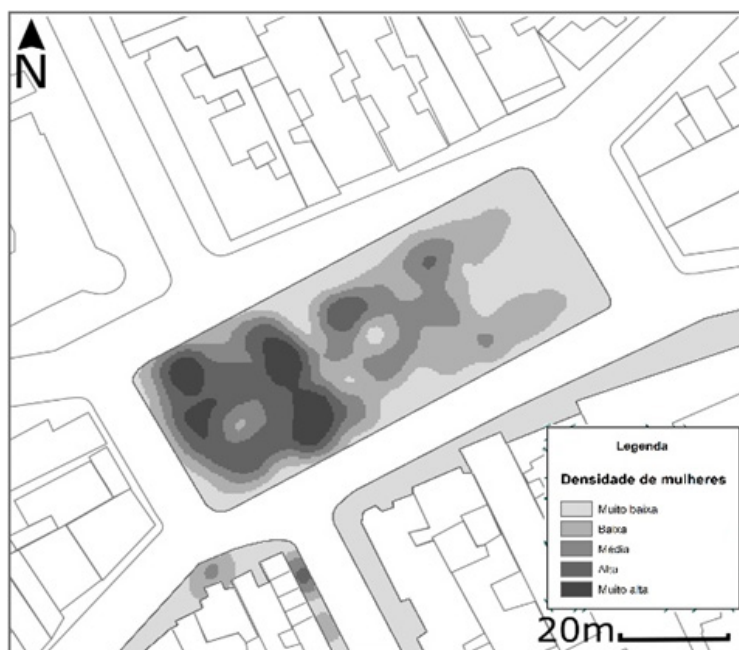


FIGURA 7 - Densidade de homens em um dia típico às 23h



Em termos da distribuição e da localização das pessoas dentro da praça, notamos certas regularidades de ocupação segundo o gênero. O primeiro aspecto observado é a distribuição mais equilibrada de homens pela praça (Figura 7). Quando comparados às mulheres, os homens estão muito mais dispersos e ocupam lugares em que a presença feminina é muito baixa (Figura 6). As áreas mais externas, por exemplo, situadas nas bordas em contato direto com a rua, têm uma ocupação majoritariamente masculina. Em geral, são homens sozinhos ou grupos de homens que se localizam nessas áreas para beber e conversar entre eles. Para reforçar esta ideia, nota-se a existência de pontos de maior densidade de ocupação masculina nas bordas da praça.

Em paralelo, notamos que as mulheres estão mais concentradas nas áreas centrais da praça. Isto quer dizer que, em geral, elas se agrupam nas partes internas do logradouro. Encontrávamos mulheres desacompanhadas ou grupos de mulheres nas partes centrais da praça, onde tendiam a permanecer próximas aos bancos, ao coreto, às muretas e em pontos de maior concentração de pessoas. Raramente mulheres sozinhas ficavam durante muito tempo em pé na borda da praça. Se estavam esperando alguém, elas logo tomavam outras posições em direção ao interior da praça. Estamos chamando atenção, portanto, para um padrão de ocupação bordas-interior – bordas com presença masculina e interior feminina – que só foi

possível ser identificado quando se observou as permanências dos indivíduos a partir do gênero.

Na tentativa de traçar generalizações para esses resultados, deparamo-nos com a repetição desse padrão em outra situação. Estamos nos referindo ao próprio ajuntamento de pessoas. Dentro dos círculos de conversa, pôde-se constatar recorrências quanto à distribuição interna de homens e mulheres. Quando esses ajuntamentos estavam próximos às bordas da praça, os homens tendiam a permanecer próximos à rua, enquanto as mulheres estavam voltadas para o centro da praça. Em outra escala, tal arranjo coincide com o padrão borda-interior que foi encontrado para a praça como um todo. Trata-se da existência de dois fenômenos diferentes, mas que possuem formas semelhantes de organização espacial relacionadas ao gênero: o primeiro no nível dos ajuntamentos e o segundo no nível da praça. Os dois reproduzem, cada qual em sua situação, o padrão em que homens estão localizados nas áreas mais periféricas e as mulheres nos locais mais centrais.

Whyte (1980), ao estudar os espaços públicos nova-iorquinos nas décadas de 1970 e 1980, encontrou um padrão semelhante àquele identificado acima. Apesar deste autor não ter sua atenção voltada para as diferenças de gênero nos usos dos espaços públicos, ele se deparou com um padrão espacial de permanência que diferenciava homens e mulheres. Nas palavras do autor:



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2020
ISSN 2175-3709

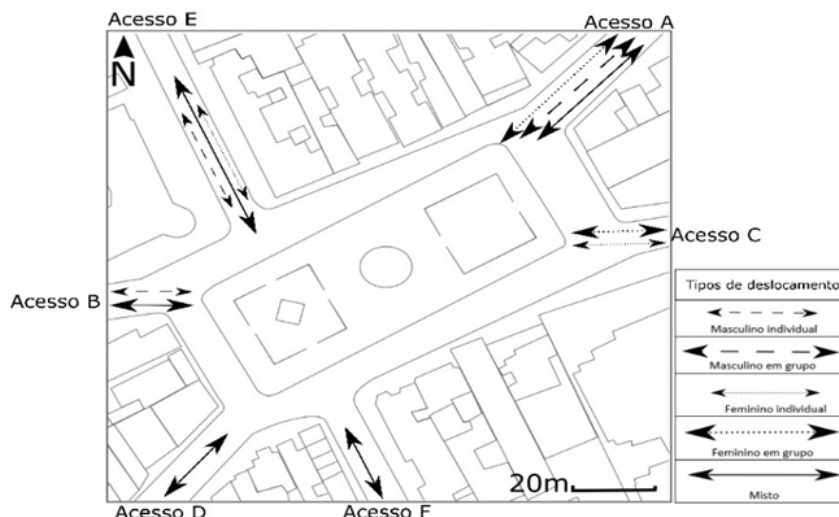
Os homens mostram uma tendência a ocupar os assentos da dianteira e, se houver um tipo de portão, os homens serão os guardiões dele. As mulheres tendem a ocupar lugares ligeiramente isolados. Se houver assentos de dois lados paralelos à rua, o lado interno geralmente terá uma alta proporção de mulheres; o exterior dos homens (WHYTE, 1980, p.18). Tradução do autor⁸

da praça; deslocamentos para consumo, que consistem nos trajetos realizados pelos frequentadores para comprar algum produto; e, por fim, os deslocamentos para observação, que consistem em trajetos realizados com a finalidade de olhar outras pessoas que estão na praça. Em todas estas classificações, o objetivo final da investigação foi averiguar a existência de padrões espaciais relacionados ao gênero dos indivíduos.

Em movimento: chegar, encontrar e circular

Dividimos os deslocamentos em: deslocamentos de acesso, que consistem nos trajetos de chegada e saída

FIGURA 8 - Acessos da Praça



No que tange aos movimentos de entradas e saídas da Praça, referimo-nos às ruas pelas quais os frequentadores entram e saem da praça. Para obtermos esses dados, permanecíamos em média 6 horas na esquina de cada uma das ruas que dão acesso à praça, contando quantos homens e mulheres chegavam e saíam. Com a sistematização desses dados e o cálculo das médias de 41 observações, pôde-se concluir que os acessos A, C e E são mais utilizados para entrada e saída da praça (Figura 8).

Não obstante à vizinhança composta predominantemente por edifícios residenciais, os acessos menos utilizados da Praça São Salvador – B, D e F – são justamente aqueles que a conectam com a área residencial do bairro. Os acessos mais utilizados, por outro lado, são aqueles que conectam a praça com vias de grande circulação. Isto quer dizer que a maioria de seus frequentadores não provém dos prédios ao redor da praça, mas de outros lugares dentro do próprio bairro e de bairros próximos.

8. "Men show a tendency to take the front row seats, and, if there is a kind of gate, men will be the guardians of it. Women tend to favor places slightly secluded. If there are double-sided benches parallel to a street, the inner side will usually have a high proportion of women; the outer, of men." Original.

Além das informações sobre a quantidade de pessoas que entram e saem da praça, notamos que há, por todos os acessos, maior quantidade de homens chegando e saindo da praça do que de mulheres. O acesso C é a via em que percebemos um padrão contrário. Nela, há mais mulheres chegando e saindo do que homens. Tanto na chegada quanto na saída de pessoas há mais mulheres utilizando esse acesso. Por que, ao contrário do que foi notado para os demais acessos, esta rua se destaca por ser mais utilizada por mulheres? Em uma hipótese inicial, acreditamos que essa diferença esteja relacionada à segurança do percurso (KOSKELA, 1997; DAY, 2001; STARKWEATHER, 2007). Esta parte da Rua São Salvador tem ligação direta com um grande eixo de circulação, a Rua do Catete. Somado a isso, a boa iluminação noturna do local e a presença de várias portarias, com funcionários, de prédios residenciais são fatores que aumentam a sensação de segurança das pessoas que passam pelo lugar. Talvez por essas razões, esse seja o acesso mais escolhido por mulheres que chegam e saem sozinhas da praça. Trata-se, pois, de uma estratégia espacial adotada majoritariamente por um público feminino ao se deslocar nas ruas à noite.

Como uma segunda etapa da investigação sobre os deslocamentos, analisamos as trajetórias feitas dentro

da praça: os deslocamentos internos. Nesse momento é importante retornar à ideia de *situação de interação* desenvolvida por Goffman (2010). Este conceito nos ajuda a pensar que fluxos e trocas entre as áreas internas e externas da praça qualificam e compõem a situação de interação. Para os deslocamentos internos, observamos não somente a movimentação das pessoas nos limites físicos da praça; observamos também a movimentação das pessoas nas calçadas e nos bares das redondezas que, por meio de fluxos e trocas, se comunicam com a praça.

Os deslocamentos para o consumo são as trajetórias feitas pelos frequentadores para comprar principalmente bebidas alcoólicas. Via de regra, as pessoas compram com os vendedores da praça ou nos bares e depósitos do entorno imediato. Para os deslocamentos em direção aos vendedores de rua⁹, não encontramos nenhum tipo de diferenciação segundo o gênero. Porém, constatamos que, nos deslocamentos de saída da praça em direção aos bares do entorno e no retorno ao logradouro público, há diferenças segundo o gênero (Figura 9). Homens e mulheres vão aos bares comprar bebidas, mas as mulheres vão frequentemente acompanhadas, sejam por homens ou outras mulheres, enquanto os homens, tendem a ir sozinhos nos mesmos tra-

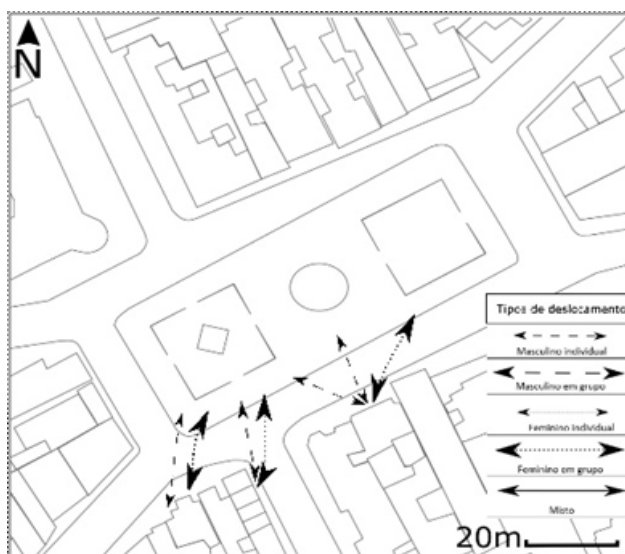
9. Optou-se por utilizar o termo “vendedores de rua”, uma vez que o status jurídico de cada vendedor não foi investigado durante a pesquisa.



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2020
ISSN 2175-3709

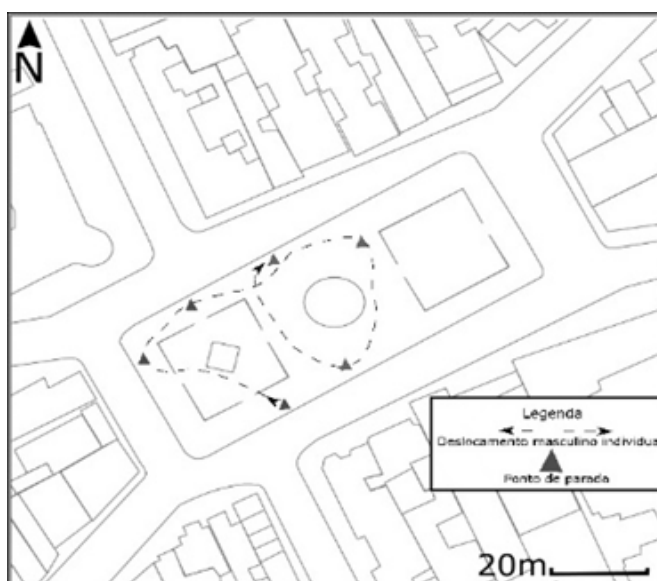
FIGURA 9 - Trajeto aos bares do entorno



Outro resultado da investigação são os deslocamentos de observação. Nesse caso, o indivíduo circula em volta do Coreto e do Chafariz, olhando pessoas nas áreas internas da praça (Figura 10). Esse tipo de comportamento espacial só foi exibido por pessoas do gênero masculino. Geralmente, esses homens ficavam em pé nas bordas da praça bebendo cerveja, mantendo-se parados

e observando. Depois de um tempo, eles se deslocavam para outro lugar na praça e, mais tarde, repetiam esse mesmo comportamento em outro trajeto, de maneira ritmada. Em alguns casos, quando havia dois homens sozinhos próximos um do outro, eles podiam trocar poucas palavras, mas logo voltavam à atividade principal: a observação.

FIGURA 10 - Deslocamento para observação de um dos homens analisados



Ao buscarmos recorrências e padrões nos percursos desses indivíduos, percebeu-se que os pontos de paradas onde fazem a observação coincidem com aqueles em que constatamos maior permanência masculina na primeira etapa dos resultados. Em outros termos, os pontos de parada estão localizados em áreas de permanências, que havíamos identificado como de predominância masculina: as bordas da praça. Os dois tipos de comportamento – permanências e deslocamentos – apresentam resultados que se comunicam e se reforçam.












Este cenário de comunicação e de complementação entre deslocamentos e permanências pode ser visto em outros exemplos. Basta lembrarmos que: (i) a maior presença quantitativa de homens na praça coincide com fato de termos identificados mais homens chegando à Praça, (ii) que a ausência de mulheres sozinhas na praça ao longo da noite pode se relacionar

com o fato delas tenderem a se deslocar em pequenos grupos pela praça etc. Assim, as relações entre permanências e deslocamentos emergem como um importante elemento para se pensar sobre a sociabilidade da Praça São Salvador.

DESENHANDO A SOCIABILIDADE

Pelo que foi apresentado acima, fica evidente a existência de formas de se movimentar e de permanecer no espaço público diferenciadas por gênero. Para o exercício de generalização dos resultados, reafirmamos a necessidade de realizar uma descrição, isto é, de produzir uma imagem, uma grafia, que nos ajude a pensar sobre o fenômeno estudado (GOMES, 2017). Para criar esse desenho espacial sintético, foi necessário produzir um alfabeto mínimo: um conjunto de signos que representa aquilo que foi objeto da observação (Figura 11).

FIGURA 11 - Alfabeto mínimo

Recorte	Variáveis		
	Tipos de interação	Comportamentos	
		Permanências	Deslocamentos
 Espaço Público	 Interação focada	 Homem	 Masculino individual  Masculino em grupo
 Situação	 Interação desfocada	 Mulher	 Feminino individual  Feminino em grupo  Misto

GEOGRAFARES 

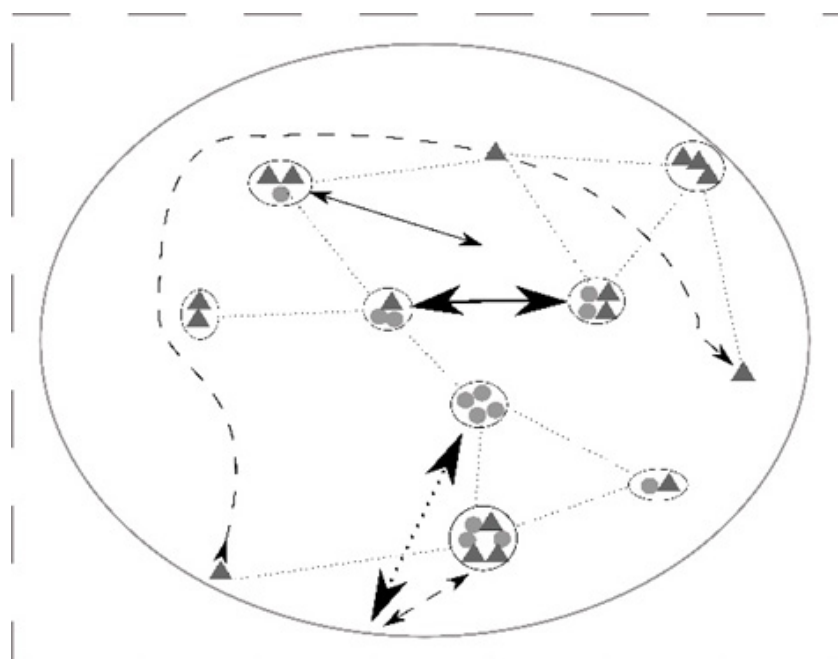
Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2020
ISSN 2175-3709

O primeiro aspecto – o recorte – diferencia a fronteira física do logradouro da situação espaço-temporal de interação. Nas permanências, há a diferenciação básica entre homens e mulheres. No terceiro aspecto, temos os tipos de interação: focada e desfocada. Por último, os tipos de deslocamento são

classificados em deslocamentos masculinos, femininos e mistos. Eles também são diferenciados pelo número de pessoas que participam do deslocamento. A partir deste alfabeto mínimo, seria possível realizar uma generalização gráfica dos principais resultados encontrados (Figura 12).

FIGURA 12 - Generalização dos resultados encontrados



O primeiro ponto a ser destacado é a situação, que extrapolava os limites físicos da própria praça. Em segundo lugar, devemos prestar atenção para a disposição de homens e mulheres. Seu arranjo espacial segue o padrão borda-interior, em que homens estão localizados em áreas mais periféricas e mulheres nos locais mais centrais. Cada ajuntamento de pessoas corresponde a um núcleo de interação focada e todos esses núcleos, por sua vez, conectam-se uns com os outros através da interação desfocada. Há também

os deslocamentos tipicamente masculinos que são, em geral, deslocamentos individuais. Já os deslocamentos caracteristicamente femininos são realizados em pequenos grupos. Por fim, organizamos os resultados na forma de um quadro sintético, de uma imagem.

A observação deste quadro, permite fazer algumas considerações mais gerais sobre a situação de sociabilidade da Praça São Salvador. Evidentemente, a sociabilidade pública é uma ocasião social em que os papéis de gênero são construí-

dos e reproduzidos. Nos propusemos a analisar a sociabilidade como um sistema de posições espaciais que levou em conta a diferenciação por gênero. Sendo assim, o sistema de posições espaciais da sociabilidade da Praça São Salvador é constituído pelos deslocamentos e permanências das pessoas em situação de interação. Isto quer dizer que tanto as permanências quanto os deslocamentos das pessoas possuem uma localização, estão distribuídos espacialmente de uma determinada forma, interagem com a morfologia existente e relacionam-se uns com os outros.

A produção de imagens foi o instrumento que nos permitiu generalizar estas observações para avaliar posições, distâncias, situações, correlações e, enfim, identificar padrões. Dessa maneira, o quadro final nos mostra uma imagem espacial da dinâmica interacional e nos faz reconhecer que a sociabilidade se organiza espacialmente. Neste sistema de posições espaciais, identificamos diferentes formas de permanecer, de se deslocar e de interagir que distinguem homens e mulheres. Por fim, temos um jogo de posições no espaço no qual a análise segundo o gênero permitiu compreender a organização espacial da sociabilidade pública. A partir disso, foi possível analisar a dinâmica que anima esse espaço.

CONCLUSÃO

Ao nosso ver, o gênero é uma construção social que, dentre outras implicações, divide os comportamentos entre masculinos ou femininos. Para

que essas divisões ganhem coerência e legitimidade, é necessário que tais comportamentos sejam repetidos e apresentados publicamente. Os espaços públicos são lugares privilegiados para dar visibilidade a esses comportamentos no convívio cotidiano. Dessa maneira, criam-se regularidades e forma-se uma complexa rede de normas comportamentais que constituem os papéis masculinos e femininos. Nesses mesmos espaços, contudo, conflitos podem surgir e os papéis de gênero podem ser questionados.

Diante disso, a principal contribuição deste trabalho foi tornar visível o modo como se constroem as divisões de gênero na sociabilidade cotidiana em espaços públicos. No entanto, novos questionamentos surgem: o padrão borda-interior pode ser encontrado em outros espaços públicos? A ocupação noturna de espaços públicos é sempre majoritariamente masculina? Mulheres tendem a se deslocar em pequenos grupos por questão de segurança? Por que certos homens circulam e permanecem sozinhos durante a noite na praça? Em situações de sociabilidade em outros espaços públicos, encontraríamos diferenças de gênero mais agudas ou mais tênues? Deparar-nos-íamos com outros arranjos espaciais dessas diferenças de gênero?

Nos limites desta pesquisa, preocupamo-nos em investigar questões de gênero a partir de categorias gerais de *homem* e de *mulher*. Cabe ressaltar



Revista do Programa de
Pós-Graduação em Geografia e
do Departamento de Geografia
da UFES

Janeiro-Junho, 2020
ISSN 2175-3709

que, ao contrário da aparente impressão de universalidade, as identidades relativas às categorias homem e mulher são instáveis e frequentemente negociadas nos espaços públicos.

Desde pelo menos o início dos anos 1990, diversos trabalhos têm apresentado a *interseccionalidade* como uma alternativa teórico-metodológica capaz de auxiliar na compreensão da imbricação estrutural entre diversas categorias sociais e dos seus sistemas de dominação correlatos – patriarcado, heteronormatividade, racismo, entre outros (Crenshaw, 1993; Young, 1998; Valentine, 2007; McDowell, 2008).

De acordo com parcela significativa da literatura sobre *interseccionalidade*, mais do que o simples inventário ou reconhecimento de categorias de diferenciação social, tais como gênero, classe, sexo, idade e etnia, é necessário reconhecer que os sujeitos investigados nas pesquisas científicas constroem suas identidades sociais a partir da interação entre diversas dessas categorias. Não se tratam somente de homens ou de mulheres, mas de homens e mulheres que são de uma classe social, possuem uma cor de pele, uma sexualidade e outras formas de diferenciação que interagem de maneira complexa na produção de identidades. O reconhecimento dessa interconexão entre categorias sociais abre um novo horizonte para a investigação das formas de expressão das identidades nos espaços públicos. Diante des-

se quadro, uma nova pergunta emerge: de que maneira outras identidades sociais atravessam as relações entre homens e mulheres nos espaços públicos?

Trata-se de mais uma questão a ser respondida e que abre uma ampla agenda de pesquisas. Contudo, reafirmamos a hipótese de que os comportamentos diferenciados entre homens e mulheres fazem parte do processo de construção dos papéis de gênero. Defendemos que, ao analisar os comportamentos, não basta simplesmente afirmar que homens fazem certas coisas e mulheres fazem outras. É necessário descrever estas condutas diferenciadas na interação que elas mantêm entre si; como se organizam mutuamente para reforçar e/ou inibir umas às outras.

Afinal, trata-se de um fenômeno relacional. Isso quer dizer que homens fazem certos movimentos em relação às mulheres, assim como certos homens fazem movimentos considerando outros homens. Da mesma maneira, mulheres fazem movimentos em relação aos homens e também a outras mulheres. Basta lembrarmos que, ao ocuparem as bordas da praça, os homens solitários trocavam palavras furtivas com grupos de homens que também observavam o interior da praça. As mulheres, por sua vez, iam comprar bebidas acompanhadas por outras mulheres. São movimentos que se comunicam, que reforçam as diferenças de gênero e que surgem em um espaço de constante negociação dos papéis sociais: o espaço público.

McDowell (1999) afirma que o gênero é construído pelas práticas cotidianas. Com isso em mente, podemos dizer que os comportamentos de homens e mulheres, praticados diariamente, ajudam a estabilizar os papéis sociais de gênero. Sob outro ângulo, Whyte (1980) nos sensibiliza a reconhecer como pequenos espaços públicos urbanos reúnem aspectos importantes da vida social. Assim, a situação da sociabilidade permite entender como, na vida cotidiana de pequenos espaços públicos, os papéis de gênero são construídos e reproduzidos.

No que se refere especificamente aos resultados encontrados na Praça São Salvador, devemos fazer uma consideração. Apesar de esta praça ter se destacado por receber eventos extraordinários onde seu público frequentador aparentou ter certa sensibilidade para o debate de questões de gênero, o que identificamos, em termos da vida noturna cotidiana, foi um cenário diferente. Durante esses eventos, os frequentadores pareciam estar engajados ou sensibilizados com as questões de desigualdade entre gêneros. No entanto, ao descrever os padrões espaciais da sociabilidade noturna desse espaço público, as diferenças de gênero no uso do logradouro parecem ser vividas com naturalidade.

A despeito desses eventos questionarem as normas de gênero, o que se pôde identificar entre os frequentadores foram comportamentos convencionais que reforçavam diferen-

ças de gênero. Nossos resultados nos mostram que a forma de relacionamento espacial entre homens e mulheres na noite da Praça São Salvador parece ser semelhante à de outros logradouros públicos. Assim, os comportamentos constituintes da sociabilidade pública dessa praça não parecem ter promovido grandes mudanças nas relações de gênero, mas reproduzido alguns padrões sociais comumente praticados.

Estes resultados, contudo, não excluem a possibilidade de existirem formas de transgressões. Como esta pesquisa focalizou a análise de grandes padrões comportamentais, talvez nossa observação não tenha sido sensível a pequenas transgressões¹⁰, ou seja, àqueles padrões de comportamento que se distanciavam das variáveis que estavam sendo observadas. Portanto, apesar de não termos encontrado grandes mudanças nas relações de gênero, isso não impede que essas mudanças ou transgressões existam. Resta saber se essas quebras de regras realmente existem e por meio de quais comportamentos é possível identificá-las.

Há muito a se estudar sobre a construção de papéis de gênero em espaços públicos, sobretudo no contexto de situações de sociabilidade. O presente trabalho pretendeu ser um passo inicial para promover essa discussão e reconhecer a importância da sociabilidade pública para compreender aspectos relevantes da vida social.

10. *Pequenas transgressões correspondem àquilo que Domosh (1998) denomina de tactical transgressions.*

GEOGRAFARES 

Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2020
ISSN 2175-3709

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAS, Mokarram; HEUR, Bas van. Thinking Arab Women's spatiality: the case of 'mutanazahat' in Nablus, Palestine. **Gender, Place and Culture**, Londres, v. 21, n. 10, p. 1214-1229, Julho, 2013.
- ALPERS, Svetlana. **A arte de descrever**. São Paulo: Edusp, 1983.
- BONDI, Liz; ROSE, Damaris. Constructing gender, constructing the urban: a review of anglo-american feminist urban geography. **Gender, Place and Culture**, Londres, v. 10, n. 3, p. 229-245, Setembro, 2003.
- CORTÉS-DIAZ, Fabia; GARCIA-RAMON, Maria Dolors. Mujeres, vida cotidiana y espacios públicos em la región metropolitana de Barcelona: el caso de Ca n'Anglada de Terrassa. **Finisterra**, Lisboa, v. 45, n. 90, p. 49-69, 2010.
- CRENSHAW, K. W. Mapping the margins: intersectionality, identity politics and violence against women of color. In: FINEMAN, M. A. & MYKITIUK, R. (orgs.). **The public nature of private violence**. Nova York: Routledge, p. 93-118, 1993.
- DAY, Kristen. Constructing masculinity and women's fear in public space in Irvine, California. **Gender, Place and Culture**, Londres, v. 8, n. 2, p. 109-127, 2001.
- DOMOSH, Mona. Those 'Gorgeous Incongruities': Polite Politics and Public Space on the Streets of Nineteenth-Century New York City. **Annals of the Association of American Geographers**, Nova York, v. 88, n. 2, p. 209-226, 1998.
- DOMOSH, Mona; SEAGER, Joni. **Putting Women in Place: Feminist Geographers Make Sense of the World**. Nova York: Guilford, 2001
- DOWLING, Robyn. Gender, class and home ownership: placing the connections. **Housing Studies**, Londres, n. 13, p. 471-486, 1998.
- DRIVER, Felix. Moral geographies: social science and the urban environment in the mid-nineteenth century. **Transactions of the Institute of British Geographers**, Londres, v. 13, n. 3, p. 275-287, 1988.
- DUNCAN, Nancy. **BodySpace: Destabilizing Geographies of Gender and Sexuality**. Nova York: Routledge, 1996.
- FOSTER, Susan Leigh. Choreographies of gender. **Journal of women in culture and society**, Chicago, v. 24, n. 1, p. 1-33, 1998.
- GARCIA-RAMON, Maria Dolors; ORTZ, Anna; PRATS, Maria (Orgs.). **Espacios públicos, género y diversidad: Geografías para unas ciudades inclusivas**. Barcelona: Icària, 2014.

GOFFMAN, Erving. **Comportamentos em lugares públicos**. Petrópolis: Vozes Ltda, 2010.

GÓIS, Marcos Paulo Ferreira de. **Paisagens noturnas cariocas: formas e práticas da noite na Cidade do Rio de Janeiro**. 2015. Tese (Doutorado em geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFRJ, Rio de Janeiro, 2015.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. Espaços públicos: um modo de ser do espaço, um modo de ser no espaço. In: CASTRO, Iná; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Olhares Geográficos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, p. 19-42.

_____. **Quadros geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

GORDON, Margaret; RIGER, Stephanie. **The Female fear: the social cost of rape**. Urbana: University of Illinois Press, 1989.

KOSKELA, Hille. Bold walks and breakings: women's spatial confidence versus fear of violence. **Gender, Place and Culture**, Londres, v. 4, n. 3, p. 301-319, 1997.

MACKENZIE, Suzanne; ROSE, Damaris. Industrial change, the domestic economy and home life. In: ANDERSON, James; DUNCAN, Simon & HUDSON, Ray (Eds.). **Redundant Spaces in Cities and Regions**. Londres: Academic Press, 1983. p. 155-200.

MACKENZIE, Suzanne. Building women, building cities: toward gender sensitive theory in the environmental disciplines. In: ANDREW, Caroline; MILROY, Beth (Eds.). **Life Spaces**. Vancouver: University of British Columbia Press, 1988, p. 13-30.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira De Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

MALONE, Karen. Street life: youth, culture and competing uses of public space. **Environment and Urbanization**, Londres, n. 14, p. 157-168, 2002.

MATTA, Roberto da. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. São Paulo: Rocco, 1997.

McDOWELL, Linda. **Gender, Identity and Place: Understanding Feminist Geographies**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999.

_____. Thinking through work: complex inequalities, constructions of difference and trans-national migrants. **Progress in Human Geography**, Berkeley, v. 32, n. 4, p. 491-507, 2008.

MERRY, Sally Engle. **Urban Danger: life in a neighborhood of**



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2020
ISSN 2175-3709

strangers. Philadelphia: Temple University Press, 1981.

ORTIZ, Anna; GARCIA-RAMON, Maria Dolors; PRATS, Maria. Women's use of public space and sense of place in the Raval (Barcelona). **GeoJournal**, Londres, v. 61, n. 3 p. 219-227, 2004.

PRATS, Maria ; GARCIA-RAMON, M. Dolors. El temps de la vida quotidiana de les dones de Barcelona. **Institut d'Estudis Metropolitans de Barcelona**, n 10, p. 105-109, 1996.

PRED, Allan. The choreography of existence: comments on Hägerstrand's time-geography and its usefulness. **Economic Geography**, Planning-Related Swedish Geographic Research, v. 53, n. 2, p. 207-22, 1977.

ROSE, Damaris. Toward post-Fordist families?: Some implications of recent Canadian labour force restructuring for gender dynamics among inner-city and suburban households. **Zeitschrift für Kanada-Studien**, n. 19, p. 147-162, 1999.

SCHENKER, Heath. Women's and children's quarters in Golden Gate Park, San Fransisco. **Gender, Place and Culture**, Londres, v. 3, n. 3, p. 293-308, 1996.

SILVA, Joseli Maria. Amor, paixão e honra como elementos da produção do espaço cotidiano feminino. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, v. 22, p. 97-109, 2007.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ltda, 2006.

SMITH, Susan. Fear of crime: beyond a geography of deviance. **Progress in Human Geography**, Berkeley, v. 11, n. 3, p. 1-23, 1987.

SOUZA, André Felix de. **Lapa: um lugar central para a sociabilidade noturna**. 2014. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia, UFRJ, Rio de Janeiro – RJ.

STARKWEATHER, Sarah. Gender, Perceptions of Safety and Strategic Responses among Ohio University Students. **Gender, Place and Culture**, Londres, v. 14, n. 3, p. 355–370, junho, 2007.

VALENTINE, Gill. The geography of women's fear. **Area**, Londres, v. 21, n. 4, p. 385-390, 1989.

_____. Theorizing and researching intersectionality: a challenge for feminist geography. **The professional geographer**, Oxford, v. 59, n. 1, p. 10-21, 2007.

WHYTE, William. **City: rediscovering the center**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1988.

WHYTE, William. **The social life of small urban spaces**. New York: Project for urban spaces, 1980.

WILSON, Elizabeth. The invisible flâneur. In: WILSON, Elizabeth.

The Contradictions of Culture: cities, culture, women. Londres: Sage, 2001. p. 72–89.

YOUNG, I. M. Harvey's complaint with race and gender struggles: a critical response. Nova Jersey: **Antipode**, v. 30, n. 1, p. 36–42. 1998.



Revista do Programa de
Pós-Graduação em Geografia e
do Departamento de Geografia
da UFES

Janeiro-Junho, 2020
ISSN 2175-3709